

INTRODUÇÃO

NO MEIO DO CAMINHO

No meio do caminho tinha uma pedra
tinha uma pedra no meio do caminho
tinha uma pedra
no meio do caminho tinha uma pedra.

Nunca me esquecerei desse acontecimento
na vida de minhas retinas tão fatigadas.
Nunca me esquecerei que no meio do caminho
tinha uma pedra
tinha uma pedra no meio do caminho
no meio do caminho tinha uma pedra.

Carlos Drummond de Andrade (1928 | 2010: 19)

UM CAMINHO ORIENTA A MARCHA. UMA PEDRA IMPEDE O MOVIMENTO, o passo. O fato é que em todo caminhar existem pedras. E a questão é descobrir *como* e *o que* fazer com elas. A força deste poema de Drummond reside na redundância. Diria mesmo que nele se encontram a potência e a originalidade da sua criação, a qual, por meio da repetição significativa, revela o encontro com o que está *en souffrance*, em espera, como indicado por Lacan (1964a), mas que sempre se revela como algo, a princípio, impossível de ser transposto.

Registros biográficos indicam que o poema foi escrito após a perda de um filho, que nasceu e viveu por apenas meia hora (Teles, 1970). Perda-pedra. Dois significantes que se articulam e se unem, na significância, pela mudança de lugar de apenas uma letra. A letra que desenha a borda no furo e faz litoral entre saber e gozo (Lacan, 1971a).

Sublinho o verbo na frase “No meio do caminho *tinha* uma pedra”. O que aconteceu com a pedra que estava no meio do caminho? Não sabemos. Mas o ato sublimatório implicado pela criação poética possibilita que a pedra – *aquilo que não anda* – não esteja mais lá quando nasce a poesia. Os poetas sabem do que não anda... Os poetas sabem fazer com a pedra. Reinventam porque não basta inventar uma só vez. É preciso repetir, insistir, porque a repetição demanda o novo, o não acontecido.

O poema em questão pode ser diretamente remetido à conferência de Lacan “A terceira” (1974), denominada por ele próprio de “Seminário do real”. Ao fazer uma espécie de recenseamento das várias possibilidades de considerar o real, indica que se trata do que sempre retorna ao mesmo lugar, “porque o real é justamente o que não anda, o que se põe no meio do caminho – ou, ainda mais, o que não cessa de se repetir para enterrar a marcha” (Lacan, 1974 | 2001: 15). Teria Lacan lido Drummond?

INTRODUZIR ESTES ENSAIOS POR MEIO DESSE PONTO TEM COMO propósito lembrar que existe um real em jogo na vida, bem como na formação do psicanalista, sustentada numa travessia na experiência psicanalítica. Real que insiste nos convocando a contorná-lo, pois é preciso dar a volta, traçar um contorno, rodear. O que nos leva ao *savoir-faire*, o saber fazer com a pedra ou, como indica Freud, com o rochedo da castração (Freud, 1937). Encontro com a falta real no Outro, que demanda a construção sublimatória de saídas.

Na experiência psicanalítica, na passagem (ou passagens) de analisante a analista, é a própria travessia (da fantasia) que convoca ao *saber fazer* com aquilo que se repete, retornando sempre ao mesmo lugar. Travessia singular que interroga aquele que envereda por essa inusitada experiência sobre o seu próprio desejo de sustentar tal travessia para outros.

À diferença do desejo inconsciente, indestrutível em sua insistência, o desejo do analista que emerge dessa vivência precisa ser retomado a cada vez, no percurso singular do psicanalista, com seus percalços, que traduzem, antes de tudo, as resistências à psicanálise. O desejo do analista, que Lacan indica como um *desejo de diferença absoluta* (Lacan, 1964a), visa a um ponto opaco no analisante, que também pode ser pensado como um ponto de origem do sujeito submetido à marca do impossível. Lugar de um vazio, de onde um significante novo pode emergir. Essa *transferência com o real*, assim nomeada por Alain Didier-Weill, traduz de maneira radical a

aposta no que ainda não surgiu e delinea a ética da psicanálise em suas relações com um vazio originário sustentador da prática do psicanalista quer na clínica, caso a caso, quer na pólis, de modo geral (Didier-Weill, 1997).

Nessa perspectiva, propus o significativo *psicanalista amador* numa tentativa de traduzir os efeitos da travessia da fantasia ao longo da experiência psicanalítica (Leite, 2006a). Um *amador*,¹ à luz dessa ótica, em vez de ressaltar uma ideia de inexperiência ou desconhecimento em torno de uma prática, revela a perspectiva do entusiasta, isto é, de alguém que mantém o frescor da entrada num determinado campo da experiência humana, sujeito a surpresas e imprevistos. Um amador é o avesso do *expert*, isto é, do especialista ou técnico que domina um determinado campo de conhecimento e é muito valorizado em nossa cultura. Reporto-me, aqui, à ideia lacaniana de que a psicanálise é uma *práxis*, definida como a ação que cria as condições de tratar o real pelo simbólico. Isso, aliás, aproxima a experiência psicanalítica da experiência estética, perfeitamente traduzida pela famosa frase de Picasso “Eu não procuro, acho”.

Quando comecei a organizar esta coletânea em meados de março de 2020, a humanidade acabava de se ver confrontada com a pandemia do novo coronavírus. Uma verdadeira devastação que impôs, a cada um de nós, uma “nova vida”. Momento de emergência de um real que vem estabelecendo de forma definitiva, como nas grandes guerras, um *antes* e um *depois*. Em outras palavras, um gigantesco acidente que interrompeu o tempo-velocidade, característico da vida contemporânea, e trouxe de maneira extrema a presença da morte na vida. Ou, ainda, um verdadeiro despertar para a fragilidade radical do humano e a urgência da própria vida.

Tal fato, confesso, me fez titubear durante a sua confecção, composta de ensaios produzidos ao longo dos últimos trinta anos de atuação no ensino e na prática clínica da psicanálise. Um dos pontos recorrentes em minhas dúvidas dizia respeito à utilidade de compilar fragmentos de uma experiência vivida e construída ao longo do meu percurso, que, cada vez mais, distanciava-se da atualidade absolutamente imprevista e brutal. Com efeito, a maioria dos trabalhos aqui incluídos foi publicada ao longo dos anos em livros e revistas especializadas, e se somava a outros acrescentados a partir dos desdobramentos e das elaborações em torno dos temas da clínica, dos grupos e das instituições.

1 A palavra deriva do latim *amatore* e significa aquele que ama o que faz, isto é, o amante que se dedica a uma arte ou ofício por prazer, e que visa tão somente ao gozo do fazer.

Aos poucos, todavia, à medida que prosseguia nesse processo, algo como uma convocação a *concluire*, no sentido dos três tempos lógicos de Lacan – instante de ver, tempo de compreender e momento de concluir (Lacan, 1945b) –, se me impôs no *a posteriori* da experiência. Verdadeiro chamado a um trabalho de construção e reconstrução de um caminho. Fui então atravessada pela lembrança do poema “Rabelais”, de Manoel de Barros, ao enaltecer “as virtudes do inútil” (Barros, 2000 | 2010: 387). Mais do que nunca, nestes duros tempos de pandemia, as “inutilezas” (Barros, 2005) se têm destacado em sua importância radical, conclamando-nos ao reconhecimento dos pequenos grandes detalhes da vida.

Não é exatamente em torno das inutilezas que o essencial da visada da própria psicanálise se retrata? Não é essa a sua virtude mais fundamental? Aquela que reconhece e recolhe os restos que traçam uma caminhada e, numa bricolagem, constrói algo?

E eis que uma linha condutora não apenas me reconduziu ao ponto de origem de uma tese (Leite, 2003), como também me permitiu costurar o eixo destes ensaios ora reunidos: a formação do psicanalista, seu desejo e um contexto privilegiado, a instituição.